



**UNIVERSIDADE FEDERAL CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS LIBRAS**

**A IMPORTÂNCIA DA ESTÉTICA NA NARRATIVA EM LIBRAS PARA
FORMAÇÃO LEITORA DA CRIANÇA SURDA**

AYRTON FELIPE DOS SANTOS MARACAJÁ

**CAMPINA GRANDE/PB
FEVEREIRO – 2023**

AYRTON FELIPE DOS SANTOS MARACAJÁ

**A IMPORTÂNCIA DA ESTÉTICA NA NARRATIVA EM LIBRAS PARA
FORMAÇÃO LEITORA DA CRIANÇA SURDA**

Trabalho de conclusão de curso a ser apresentado à Coordenação do Curso de Graduação em Licenciatura em Letras Libras na Universidade Federal de Campina Grande-PB, como requisito parcial à obtenção do título de Graduada em Letras Libras.

Orientadora: Me. Joyce Alencar

CAMPINA GRANDE/PB
FEVEREIRO – 2023

M298i

Maracajá, Ayrton Felipe dos Santos.

A importância da estética na narrativa em libras para formação leitora da criança surda / Ayrton Felipe dos Santos Maracajá; Tradução de Karinne Rodrigues da Costa e Edineide Ribeiro de Brito. – Campina Grande, 2023.

34 f. : il. color.

Monografia (Licenciatura em Letras – Libras) – Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades, 2023.

"Orientação: Profa. Ma. Joyce Gomes de Alencar Oliveira".

Referências.

1. Língua de Sinais. 2. Literatura em Língua de Sinais. 3. Estética da Libras. 4. Contação de História. I. Costa, Karinne Rodrigues da. II. Brito, Edineide Ribeiro de. III. Oliveira, Joyce Gomes de Alencar. II. Título.

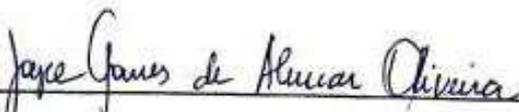
CDU 81'221.24(043)

AYRTON FELIPE DOS SANTOS MARACAJÁ

**A IMPORTÂNCIA DA ESTÉTICA NA NARRATIVA EM LIBRAS PARA FORMAÇÃO
LEITORA DA CRIANÇA SURDA.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso Licenciatura em Letras – Libras da
Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), como requisito parcial à conclusão do curso.

Banca Examinadora



Prof.^a Ma. Joyce Gomes de Alencar Oliveira- UFCG
(Orientadora)

Documento assinado digitalmente
 SHIRLEY BARBOSA DAS NEVES PORTO
Data: 20/03/2023 11:13:31-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Prof.^a Dra. Shirley Barbosa das Neves Porto - UFCG

Documento assinado digitalmente
 LYVIA DE ARAUJO CRUZ
Data: 08/03/2023 11:07:17-0300
Verifique em <https://verificador.it.gov.br>

Prof.^a Me. Lyvia de Araujo
Cruz - IFCE

Campina Grande – PB 2023

AGRADECIMENTO

Gratidão a Deus, em primeiro lugar, por me abençoar em todos os momentos, dando-me coragem e sabedoria para vencer todas as dificuldades na minha trajetória enquanto aluno, deste a escola bilíngue, onde dei meus primeiros passos no aprendizado da língua de sinais, até aqui na minha formação acadêmica. Obrigado a Deus!

Agradeço com todo meu coração a meus pais, familiares, amigos e colegas, que sempre me incentivaram a lutar e buscar forças nos momentos difíceis, não me deixando desistir.

Agradecimento especial aos nossos professores por nos transmitir conhecimentos tão importantes para nossa formação, sempre buscando de nós o melhor, acreditando que seríamos capazes de realizarmos nosso sonho. Gratidão por toda paciência, confiança, incentivo, persistência..., até mesmo pelas chamadas de atenção, de vez em quando.

O meu sincero e verdadeiro agradecimento a minha orientadora Joyce Alencar, que segurou a minha mão até o fim com muita paciência e dedicação, sendo minha parceira incomparável, ajudando a conquistar meu sonho, uma das maiores vitórias da minha vida. Obrigado por tudo!

Agradecimento extensivo as minhas tradutoras/intérpretes que me ajudaram na construção deste trabalho de pesquisa.

A todos o meu muito obrigado!

Obrigado meu Deus!!!

RESUMO

Partindo de entendimento de que a interação entre os indivíduos contribui significativamente no processo de formação do sujeito, reconhece-se a relevância de se compreender como se dar o compartilhamento de saberes e experiências, considerando suas especificidades e objetivos, em que se utiliza de diferentes estratégias nos mais diversos contextos sociais. Neste contexto, este trabalho traz uma reflexão quanto a importância da Estética nas narrativas em Libras, especialmente voltada para formação do leitor Surdo. Assim, apresenta como objetivo geral identificar como pode se desenvolver o processo de formação do leitor, especificamente a criança surda, através da contação de histórias, observando a importância do uso da estética para o desenvolvimento da compreensão do texto sinalizado. Diante deste, tem-se por objetivos específicos: compreender o uso da Estética no processo de contação de história em Libras, apontar as contribuições do uso da estética na narrativa em Libras e propor estratégias que facilitem o ensino da literatura surda. Quanto a metodologia, trata-se de uma pesquisa qualitativa de tipologia explicativa, sendo realizada a análise de partes da obra *A Lagarta* e *a Borboleta* da autora Eunice Braidó, traduzida pelo pesquisador, considerando o uso dos elementos estéticos. Os resultados apontam a inegável contribuição da estética nas narrativas, voltadas para formação leitora do aluno surdo, proporcionando este ser um sujeito ativo e participativo na sociedade em que está inserido.

Palavras-chave: Literatura em Língua de Sinais; Estética da Libras; Contação de História.

ABSTRACT

Based on the understanding that the interaction between individuals contributes significantly to the subject's formation process, the relevance of understanding how to share knowledge and experiences is recognized, considering their specificities and objectives, in which different strategies are used in different social contexts. In this context, this work brings a reflection on the importance of Aesthetics in narratives in Libras, especially focused on the formation of the Deaf reader. Thus, it presents as a general objective to identify how the reader's formation process can develop, specifically the deaf child, through storytelling, noting the importance of using aesthetics for the development of understanding of the signed text. In view of this, the following specific objectives are: to understand the use of Aesthetics in the storytelling process in Libras, to point out the contributions of the use of aesthetics in the narrative in Libras and to propose strategies that facilitate the teaching of deaf literature. As for the methodology, it is a qualitative research of explanatory typology, being carried out the analysis of parts of the work *A caterpillar and the Butterfly* of the author Eunice Braidó, translated by the researcher, considering the use of the aesthetic elements. The results point to the undeniable contribution of aesthetics in the narratives, aimed at deaf students' reading skills, providing them with an active and participatory subject in the society in which they are inserted.

Keywords: Literature in Sign Language; Aesthetics of Libras; History Telling.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1: Apresentação da obra para análise	21
FIGURA 2: Andar da Lagarta.	23
FIGURA 3 Voar de borboleta	23
FIGURA 4: Metamorfose da borboleta.	24
FIGURA 5: Lagarta chorando, lagarta gorda e borboleta feliz.	26
FIGURA 6: A Personagem, Lagarta, ver imagem refletida na água	27
FIGURA 7: A Personagem, Lagarta, percebe a folha da árvore	28
FIGURA 8: Descrição do ambiente, árvores, borboleta no momento da ovoposição.	29
FIGURA 9: Descrição da metamorfose da borboleta dentro do ovo.	29
FIGURA 10: Descrição da árvore com a pupa e dos dias que se passam para completar o processo de metamorfose.	30
FIGURA 11: Repetir andar da lagarta subindo a árvore e ao comer as folhas	31

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2. A NARRATIVA EM LÍNGUA DE SINAIS E SEU PERTENCIMENTO AO MUNDO SURDO.....	11
2.1 A Estimulação da Narrativa Visual para Criança Surda como auxiliar na ampliação do processo de formação do leitor	15
2.2 - Prazer Estético em Libras e o Ensino na Forma Visual.....	17
2.3 Narrativas visuais na perspectiva da Literatura Surda	19
3. PERCURSO METODOLÓGICO.....	20
4. OS PROCEDIMENTOS TÉCNICOS NAS NARRATIVAS VISUAIS PELA PROPOSTA DE STEPHEN RYAN (1993).	22
4.1 Criação de personagens descrevendo sua forma e comportamento.	22
4.2. Não utilizar muita soletração manual.....	25
4.3. Pode-se aumentar, dramatizar ou exagerar os personagens	25
4.4. Usar o corpo tanto quanto as mãos	26
4.5. Uso o espaço de forma clara, mostrando o mundo das personagens	28
4.6. Uso exagerado de repetição	30
5. USO DE ESTÉTICA: UMA PROPOSTA PARA FORMAÇÃO DO LEITOR ATRAVÉS DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIA	32
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	34

1 INTRODUÇÃO

Sabe-se que a comunicação é elemento fundamental na formação do indivíduo, enquanto sujeito ativo e participativo na sociedade. Partindo do senso comum, compreende-se que através do processo comunicativo ocorre a interação entre as pessoas proporcionado por trocas de informações, experiências, saberes, etc., e o uso de determinada língua viabiliza o desenvolvimento deste processo. Diante disso, reconhece-se que o conhecimento da Língua de Sinais para a pessoa surda é essencial por proporcionar a interação destes indivíduos com a sociedade, especialmente, quando estão inseridos no meio social em que o uso desta língua é comum. Como toda e qualquer língua, a Língua de Sinais propicia diferentes formas de comunicação seja esta formal e/ou informal, o que possibilita a prática da contação de histórias, aquisição de conhecimento, interação social, etc, assegurando assim, o desenvolvimento cultural, linguístico e identitário dos indivíduos pertencentes a comunidade surda.

É sabido que igualmente as demais línguas, a Língua de Sinais possui seus elementos constitutivos seja morfológico, sintático, semânticos e pragmático. Neste contexto, aponta-se a literatura como evento linguístico, em que o seu objetivo perpassa o simples ato de comunicar. Observa-se que “o importante na literatura é o uso da linguagem com o principal objetivo de proporcionar prazer, de maneira que a sua estrutura se destaque” (SUTTON-SPENCE, 2021, p.25).

Compreende-se que a Literatura Surda proporciona ao sujeito surdo a oportunidade de adquirir experiências e conhecimento através da sua língua materna, e, assim, fortalecer suas memórias, vivências sociais e culturais. Estar inserido na comunidade surda utilizando-se de uma língua que é visual-espacial, que faz uso de recursos a exemplo da expressão corporal e facial, possibilita ao indivíduo o desenvolvimento da aprendizagem através da influência da sua identidade, fazendo-o sentir-se pertencente a este grupo. Desta forma, sendo utiliza sua própria língua compreendendo e sendo compreendido, especificamente nas suas produções que podem ser diversas, como as contações de histórias, poemas e vários outros gêneros textuais que estão inseridos no contexto literário.

Segundo Sutton-Spence (2021), a linguagem estética da literatura destaca a expressão da experiência corporal do indivíduo surdo, considerando que este se expressa por meio das mãos, fazendo uso da língua de sinais, dos movimentos, das expressões faciais e corporais, proporcionando entendimento claro do texto literário, não repassando apenas informação ou afirmando algo, mas criando experiências ao público. Ressalta-se ainda que a estética permite

ao leitor o prazer de se emocionar, de compreender e sentir-se atraído pela beleza que está exposta no texto, na modalidade oral, pela voz, no texto escrito através da maneira como se organizam as palavras, que permite identificar a existência de sentimentos e emoções presentes no texto.

Reconhecendo a relevância das narrativas visuais (contação de história) como elementos de significativa importância na Literatura Surda, depara-se com uma inquietante indagação, a partir da qual se estabelece a seguinte questão norteadora desta pesquisa, a saber: Qual a contribuição do uso da Estética da Língua de Sinais para o ensino voltado a criança Surda, no contexto da contação de história, no processo de formação do leitor? Partindo desta problemática, esta pesquisa tem por objetivo geral identificar como se pode desenvolver o processo de formação do leitor, especificamente a criança surda, através da contação de histórias, observando a importância do uso da estética para o desenvolvimento da compreensão do texto sinalizado. Para tanto tem-se por objetivos específicos: compreender o uso da Estética no processo de contação de história em Libras, apontar as contribuições do uso da estética na narrativa em Libras e propor estratégias que facilitem o ensino da literatura surda.

Diante do exposto, justifica-se este estudo ao considerar a relevância do uso da estética no ensino da literatura surda, identificando-a como uma teoria ainda pouco investigada, especialmente quando relacionada a Literatura em Libras. À vista disso, despertou-se o interesse em apontar quais são as contribuições da estética para que leitores em seu processo de formação desfrutem de maneira prazerosa de textos literários, favorecendo o desenvolvimento da compreensão textual e aquisição da aprendizagem nos momentos de leitura e contação de histórias, que ocorre não apenas no ambiente escolar, mas também em diferentes espaços, seja familiar e/ou social.

2. A NARRATIVA EM LÍNGUA DE SINAIS E SEU PERTENCIMENTO AO MUNDO SURDO

Partindo do pressuposto de que a narrativa (contação de história) pode ser considerada como forma de expressão natural da humanidade, que trazem registros de um percurso histórico das gerações, observa-se que estas relatam experiências e acontecimentos de forma contextualizada das vivências do cotidiano familiar, social, cultural e histórico, estabelecendo desta forma um elo entre ambientes sociais. Também podendo ser compreendida como modo

de um indivíduo participar de grupos e culturas das mais diversificadas. Neste sentido, os sujeitos recebem contribuições para sua formação, apresentadas pelas influências presentes nas narrativas que tiveram sua origem em tempos passados e permanecem até os dias atuais. Desta forma, reconhece-se que embora a prática da narrativa em Língua de Sinais seja específica da comunidade surda, as narrativas visuais e/ou contações de histórias não é apenas inerente ao indivíduo surdo, mas também a todo e qualquer sujeito que esteja inserido na comunidade surda ou, ainda, aos que demonstram interesse por tais narrativas. É relevante apontar que a expressão visual está relacionada a naturalidade do ato de ver no mais amplo sentido da palavra, assim o modo visual exige do indivíduo competência para ser colocado em prática, configurando-se como um dos elementos que abre espaço para que a linguagem visual seja abordada nos mais diversos contextos. É no visual que o surdo constrói os sentidos que lhes são condizentes.

Segundo Karnopp (2010), a comunidade surda registra as histórias da Literatura Surda através dos contatos que mantêm entre si, utilizando a Língua de Sinais. Embora não se tenha muito dessas histórias registradas, elas continuam vivas na memória do Surdo, sendo repassadas de geração em geração. Neste contexto, compreende-se que através da contação de história de maneira sinalizada é possível ter acesso a estas memórias e a compreensão dos acontecimentos históricos e sociais, da mesma forma que em outras culturas.

Neste sentido, observando o processo de interação entre os indivíduos destaca-se o posicionamento de Moraes (2012) ao apontar que

A comunicação, o intercâmbio de experiência, as narrativas, a história do povo surdo são possibilitadas pela Língua de Sinais. A experiência visual identifica os sujeitos surdos, que comunica, sentimentos, pensamentos, ideias, e agrupa o povo. (MORAIS,2012, p. 37)

Assim, percebe-se a importância de o sujeito inserido na comunidade surda ter ciência da necessidade do processo de troca de conhecimentos que ocorre por meio da interação, conhecendo as mais diversas especificidades de cada indivíduos, sentindo-se desafiado a compreender e a respeitar as suas diferenças, e, assim, aceitar o outro. Desta forma, considera-se que as narrativas (contações de histórias) auxiliam a interação social ao proporcionar conhecimento relacionado aos indivíduos que fazem parte de uma mesma sociedade e as suas diversas formas de vivência.

Observa-se que o processo de contação de história não é fato exclusivo da comunidade surda em que é notório um maior uso da sinalização, mas também é uma prática de diferentes grupos de pessoas, em que mesmo utilizando-se de produções na modalidade oral e escrita,

fazem o uso das narrativas como forma de relacionar-se conforme a língua e cultura de cada grupo pertencente.

Especificamente, voltando-se a atenção para a comunidade surda, é sabido que embora seja limitado quanto a sua participação na sociedade, por terem uma diferente forma de interação através do uso de uma língua específica na sua comunidade, entende-se que os indivíduos surdos quando inseridos no seu grupo social, na comunidade surda, este participa ativamente através da troca de informações, de expressões que são compartilhadas em sua grande maioria por meio do uso da língua sinalizada mais do que por meio de registros escritos. Essa troca entre os sujeitos semelhantes acontece de forma natural, espontânea e prazerosa, pois é neste momento que podem entender sobre as vivências do outro através da sua própria língua.

Diante do exposto, compreende-se que um indivíduo quando inserido em determinada comunidade participa do processo de desenvolvimento das narrativas, das expressões culturais da sua comunidade, sejam orais ou sinalizadas, estas se desenvolvem através dos grupos em que se relacionam, conforme sua língua e cultura.

Ainda convém apontar que ao fazer referência a posição do indivíduo contador de história, Bussato diz que:

Para traçar esse caminho por onde vai e vem contador de histórias, pretendo situá-lo no tempo e no espaço, ao lhe atribuir uma nomenclatura. Num primeiro momento, vamos encontrar o contador tradicional, aquele sujeito que estava inserido nas comunidades onde prevalecia uma oralidade de primária ou mista. [...] que permeiam as diferentes comunidades culturais, sendo a primeira a oralidade primária, cujos representantes não comportariam nenhum contato com a escrita. Na outra categoria, oralidade mista, os seus sujeitos já convivem com a escrita, porém ela pouco influi no seu cotidiano; (BUSATTO, 2018, p.18)

Observando o apontamento da autora, entende-se que ela apresenta diferentes conteúdos expressos pela oralidade, em que são contadas narrativas sem que haja registros de forma escrita, e ainda, são evidenciados apenas na modalidade oral. Neste sentido, pode-se identificar características da realidade linguística da comunidade surda, uma vez que é perceptível que frequentemente os indivíduos surdos não fazem o registro escrito de suas produções na língua portuguesa, utilizam a Libras, língua visual espacial. Entretanto, considerando a nomeação atribuída ao contador por Busatto (2018) e ainda o posicionamento de Sutton-Spence (2021), quando afirma que uma língua que não tem um modo escrito é uma língua “oral”, compreende-se que o contador surdo pode ser considerado um contador tradicional de oralidade primária, em que o sujeito não faz uso da modalidade escrita da língua. É relevante ressaltar que a maioria das línguas no mundo não usa sistemas escritos no dia a dia e são línguas orais. (BUSATTO,2018).

As narrativas em Libras são expressões que podem ser realizadas pela oralidade, partindo-se do entendimento que esta não é uma realidade inerente apenas a língua falada de forma verbal, mas também pode ser uma prática da língua de sinais, tendo seu percurso histórico registrado, conservando memórias, e assim proporcionando o conhecimento e a compreensão dos acontecimentos da vida em sociedade nas diversas culturas, este podendo ser transmitido de uma geração para outra, sendo possível ainda que sejam contadas narrativas abordando as mais diversas temáticas, possibilitando desta forma a geração futura vivenciar a cultura outrora estabelecida.

Levando-se em consideração relatos históricos da comunidade surda, sabe-se que enquanto contador de história, o indivíduo surdo foi por muito tempo reprimido, não tendo oportunidade de expressar as suas narrativas, não só ele, mas também toda a comunidade surda em geral foi impedida de sinalizar. Em virtude do já exposto, tendo o Surdo o direito de se expressar em sua língua materna, vê-se a língua de sinais como uma forma de expressão capaz de mostrar a história da comunidade surda, nos mais diversos contextos. Desta forma, reconhece-se que a contação de história possibilitou o entendimento a todos os indivíduos envolvidos no momento da narrativa, onde a interação acontece de forma espontânea e natural, demonstrando o que é viver em sociedade.

Neste contexto, considera-se que:

A narrativa está presente em todos os tempos, em todos os lugares, em todas as sociedades; a narrativa começa com a própria história da humanidade; não há, nunca houve em lugar nenhum povo algum sem narrativa; todas as classes, todos os grupos humanos têm as suas narrativas, muitas vezes essas narrativas são apreciadas em comum por homens de culturas diferentes, [...] a narrativa está sempre presente, como a vida. (BARTHES, 2002, p. 103-104).

Para Barthes (2002) as narrativas são apresentadas na própria história, assim estão relacionadas a suas inúmeras vivências em sociedade, desta forma se não houvesse a expressão narrativa, não seria possível estabelecer uma comunicação entre os indivíduos. Diante disso, se reconhece a importância das narrativas, uma vez que apresentam registros do percurso histórico de gerações. É através destas que se tem o conhecimento sobre diversas temáticas da vida em sociedade, possibilitando ainda vivenciar a cultura de determinado povo. Partindo deste entendimento compreende-se que se não houvesse o ensino por meio das contações de histórias, as próximas gerações, as crianças surdas teriam prejuízos quanto a se apropriar destes conhecimentos, ressaltando a importante contribuição das transformações observadas no

momento da narrativa e também as lembranças compartilhadas de forma interativa com as gerações futuras.

2.1 A Estimulação da Narrativa Visual para Criança Surda como auxiliar na ampliação do processo de formação do leitor

Acredita-se ser imprescindível que na realização da leitura de conteúdos literários possa-se considerar que os indivíduos surdos têm a Libras como sua primeira língua (L1), a qual lhes possibilitam ter acesso a receptividade de forma visual e amplia sua compreensão de mundo. É importante ressaltar a importância da formação do leitor, compreendendo que a leitura é um dos meios responsáveis por conceder aos indivíduos o conhecimento sobre as vivências sociais, e ainda levando-o a compreender e ser influenciado pelo contexto ao qual está inserido, seja no cotidiano de forma coletiva e/ou particular, em que é possível observar a diversidade de informações, e, ter várias percepções e compreensão de forma contextualizada do que é viver em sociedade.

Ainda é possível compreender que a leitura proporciona a abertura de um mundo de ideias, de reflexões, que ampliam o conhecimento a partir do texto escrito ou sinalizado. Partindo deste entendimento, considera-se imprescindíveis o ensino e a prática da leitura, especialmente explorando o texto literário, a fim de oportunizar aos sujeitos amplo conhecimento e sensação de prazer. Desta forma, ampliando o entendimento da contribuição da literatura para a vida cotidiana do aluno, entende-se que o texto literário é um dos meios pelo qual o leitor pode alcançar os objetivos propostos pela leitura, entretanto Morgado (2011) afirma:

Uma literatura de qualidade deverá, neste caso, ser produzida por adultos surdos fluentes em LGP, que são os modelos fundamentais na vida da criança surda. Deste modo, o contato é positivo e frequente com produtos culturais de qualidade, fomenta o conhecimento das estruturas linguísticas, o saber acerca do mundo. Assim, a criança é estimulada a pensar, agir, fazer, ter consciência, tornar-se uma pessoa normal e ganhar autoestima. (MORGADO, 2011, p.152)

É importante destacar a relevância de que a criança surda participe de momentos de interação que proporcionem trocas de experiências vivenciadas com a leitura, considerando que este é um momento que possibilita enriquecimento do conhecer a sua cultura e identidade, através das percepções incutidas nas histórias, e que envolve acontecimentos inseridos na literatura surda em todos os contextos. A ampliação do conhecimento instiga a criação de novas produções literárias fazendo-se uso da língua de sinais valendo-se do uso da estética, ainda considerando o apontamento de Morgado, (2011), quando diz que “a literatura é uma ideia de

estética de um texto que pode propiciar a sensação de prazer e emoção para o receptor. Esse prazer e emoção faz com que o texto seja artístico [...] (MORGADO, 2011, p.11).

Entendendo que o texto literário e/ou contação de história desperta no leitor o sentimento de satisfação, e, ainda as mais diversas sensações, reconhece-se que o uso da estética na Libras possibilita a expressão da emoção necessária para que as crianças surdas compreendam claramente e percebam através das estratégias dos recursos utilizados, a exemplo da expressão facial e corporal, a mensagem presente no texto, despertem sua imaginação através da emoção apresentada na história, desafiando-as para novos aprendizados por meio da sua própria língua, de forma interativa e prazerosa, estabelecendo uma interação entre quem conta e quem acompanha a contação, a fim de despertar aos que assistem o interesse de também ser um futuro contador de histórias e expressar a outras gerações.

É importante ressaltar que para ocorrer a receptividade por parte crianças surdas, durante o processo de contação de história, se faz necessário que elas tenham familiaridade com sua língua, como afirma Alencar (2019) ao apontar que “as crianças necessitam de ter contato com a língua materna, praticá-la, e a literatura é uma fonte rica para desenvolver as competências linguística da criança”. (MORGADO 2011, apud ALENCAR, 2019, p. 97). A referida autora considera essencial, inicialmente, o processo da aquisição linguística para só depois ser apresentado o texto sinalizado, como também o conhecimento literário, este podendo ser desenvolvido através da estratégia da incorporação ou ainda através de diversos recursos visuais, proporcionando que a criança visualize, perceba o conteúdo e tenha a compressão do que está sendo apresentado.

Seguindo esta perspectiva, observa-se que na Literatura surda, especificamente, nas narrativas em Libras, os textos são produzidos de forma sinalizada, com o intuito de valorizar a língua de sinais e demais elementos da cultura surda presentes nestas produções, fazendo-se uso da estética e da performance em Libras. Esta valorização parte do entendimento de que o texto não é o único elemento do fenômeno literário, antes a reação que o texto causa ao leitor. Assim, Colomer (2003) apresenta argumento que dar sustentabilidade a esta afirmativa quando afirma:

A concepção da literatura como um fenômeno comunicativo conduziu também ao interesse por entender por que um texto é considerado literário e que chaves convencionais se requerem para interpretar um texto neste sentido. [...] A teoria da recepção insistiu em que o texto não é único elemento do fenômeno literário, mas é também a reação do leitor e que, por conseguinte, é preciso explicar o texto a partir desta reação. (COLOMER, 2003, p.15)

Quando se destaca o processo de dna videossinalizada¹, entende-se que o leitor precisa ser estimulado a estar atento aos recursos visuais, considerando que o autor no desenvolver da produção textual poderá utilizar-se de estratégias que são fundamentais para compreensão do texto, sendo o uso do recurso imagético uma destas, especialmente quando se entende que o sujeito surdo através de estratégia desta natureza terá facilitada a compreensão das expressões e sentimentos expressos no texto, quando o autor e/ou leitor faz uso da figura de uma pessoa imaginária.

Diante do exposto, considera-se relevante o apontamento de Sutton-Sence (2021), quando afirma que:

Em Libras, apresentamos o que podemos mostrar sobre as formas humanas através do nosso corpo. Quando não conseguimos mostrar diretamente, usamos as mãos para representar. Não é fácil fazer isso de uma maneira imaginativa, interessante, suave ou engraçada em Libras, mas quem consegue fazer um texto muito criativo com êxito é muito valorizado na comunidade surda. (SUTTON-SPENCE, 2021, p.179)

Assim, compreende-se que a estratégia do uso recurso imaginário para leitura e/ou produção do texto literário apresenta especificidades que precisam ser observados. Ao fazer referência a este recurso o referido autor aponta esta não ser uma estratégia fácil, no entanto tendo êxito na sua utilização os resultados são alcançados de forma satisfatória, ressaltando que ao utilizar a figura do sujeito imaginário, este poderá ser explorado na sua totalidade ou apenas parte dele.

2. 2 - Prazer Estético em Libras e o Ensino na Forma Visual

Entende-se que a Estética está inserida seja no texto literário, nas narrativas e nos poemas. É através da estética que é dado ao leitor o prazer de se emocionar, de compreender e sentir-se atraído pela beleza exposta no texto, seja na modalidade oral, através pela voz, ou no texto escrito, pela maneira como se organizam as palavras, que possibilita a percepção da existência de sentimentos e emoções. Neste contexto, compreende-se que é possível ao indivíduo Surdo fazer uso da Estética na literatura por meio das mãos, através da língua de sinais, conseqüentemente, dos movimentos, das expressões faciais e corporais, dos recursos visuais, a fim de atrair a atenção do público que desfruta do texto literario de forma visual. A estética proporciona a estes um entendimento claro do conteúdo que está sendo apresentado e ainda o deleite de sentir prazer e emoção diante de um texto, que desperta sua imaginação através de suas expressões. É importante que se tenha interação de forma estratégica

¹ O texto em Libras videossinalizada refere-se ao uso da Libras gravada em vídeo sendo que o sinalizante²⁴ estabelece uma relação com a câmera, com ou sem emprego de recursos multimodais (SILVA, 2019, p.71).

despertando o interesse e os aproximando ainda mais do conhecimento literário tão importante no formação do leitor.

Neste contexto Neitzel, (2022) aponta a educação estética como uma forma em que o homem diverte-se com a obra de arte, através da apreciação e pela reflexão. Assim a autora define a educação estética como “ um movimento de unificabilidade, de percepção do mundo, por meio dos sentidos e do inteligível, que amplia os saberes acerca do mundo vivido. Esses sentidos podem ser provocados de diversas formas, especificamente, pela literatura” (Neitzel, (2022, p. 166). Partido do conceito de educação estética apresentado se pode compreender a relevância da estética no processo de ensino aprendizagem, especialmente, quando se trata o texto como obra de arte, entendendo que, se o texto literário não tiver sua função estética explorada, e ainda for tratado como um texto informativo, em que, cuja mensagem a ser interpretada é o foco, sua leitura poderá não propiciar uma educação estética. Desta forma, o leitor possivelmente não terá uma experiência, enquanto sujeito participativo no texto.

Nesta perspectiva, considerando o processo de formação do leitor, acredita-se que na prática do ensino de Literaruta seja fundamental que o professor oferte a seus alunos conteúdos que possibilitem o uso da estética, quando observado ainda o apontamento de Jouve (2012) quando diz que,

À primeira vista, seria lógico pensar que os estudos literários devem se concentrar sobre aquilo que constitui a especificidade da literatura: a dimensão estética dos textos. Nessa hipótese, o papel do professor seria formar o gosto, ensinar a apreciar o que faz a "beleza" das obras literárias. (JOUVE, 2012, p.133)

Reconhe-se que para motivar no aluno o desejo de fazer uso da estética de forma natural, se faz necessário que o professor e/ou narrador utilize estratégias de maneira a despertar o gosto pelas obras literárias, a fim de proporcionar o prazer durante o ensino literário. Apresentar conteúdos com qualidade estética é uma maneira de atrair dos alunos a atenção e estimular o aprendizado da leitura, proporcionando-os condição de relacionar o conteúdo da obra literária ao seu conhecimento adquirido de forma natural, através da sua língua. Neste sentido Sutton-Spence (2021) aponta:

Além disso, literatura serve para aculturar. Um aluno surdo vai se aculturar como uma pessoa surda brasileira através da literatura em Libras, adquirindo o conhecimento da comunidade surda e suas regras de comportamento. Assim, a literatura surda serve para estimular habilidades sociais. Para alunos surdos, a contação de histórias e de poemas em Libras pode até contribuir para a criação e manutenção de suas identidades como pessoas surdas brasileiras. (SUTTON-SPENCE, 2021, p. 240)

Segundo Ryan (1993, SPENCE e KANEKO, 2016, p. 18), no processo de desenvolvimento das narrativas, se faz necessário:

Permitir que a recepção interfira na história; criar imagens visuais fortes, usar classificadores (gestos); usar pausas de modo que, o que está sendo sinalizador seja absorvido; selecionar bem a informação que deseja passar; despertar a imaginação do público; preparar-se com antecedência; desenvolver a narrativa de maneira espontânea e ser entusiasta. (apud SPENCE e KANEKO, 2016, p. 18)

Diante do exposto, na concepção do ensino e aprendizagem da literatura visual, observa-se a importância de que, no momento da performance do narrador/sinalizador, o espectador tenha foco de sua atenção em um estímulo visual para que haja a compreensão do que está sendo narrado, buscando o entendimento da realidade do que está sendo apresentado.

Objetivando um desenvolvimento satisfatório no processo de formação do leitor, percebe-se a necessidade de que o professor busque materiais e/ou produza conteúdos junto com seus alunos, proporcionando-lhes não apenas o conhecimento da teoria, mas traga a vivência do social representada nas contações de histórias. É relevante considerar, especificamente, que o aluno surdo é visual, assim o uso de materiais adequados e estratégias facilitadoras possibilitará a este a compreensão clara do que é apresentado pelo professor/narrador, este se atentando para adaptação e o uso da estética, organizando estratégias que possibilitem ao aluno demonstrar o que foi possível desenvolver através do seu aprendizado. Neste sentido, enfatiza-se que a prática pedagógica voltada para as narrativas visuais como elementos constitutivos do ensino de literatura só apresenta resultados significativos se primeiramente o aluno surdo tiver contato com sua língua materna, para que possa através do texto literário desenvolver suas competências linguísticas.

2.3 Narrativas visuais na perspectiva da Literatura Surda

É sabido que o indivíduo surdo é um dos principais contadores de história em Libras, uma vez que segundo Sutton-Spence (2021) estes tem a língua, a cultura próprias, além da habilidade de transformar uma narrativa em arte, e é desta forma que compartilham suas experiências com a comunidade em que estão inseridos. No entanto sabe-se que nenhum indivíduo nasce com esta capacidade, ela é ensinada por seus pares. Desta forma, a prática da contação de história é passada de geração a geração. A referida autora aponta que no desenvolver do processo de contação o público participa juntamente com o contador, criando assim uma experiência artística de literatura compartilhada.

Neste contexto de interação, entende-se que o público mesmo na posição de espectador é levado a fazer parte do evento, embora que com o advento das novas tecnologias estas

experiências tem sofrido adaptações, mas ainda é possível identificar especificidades da comunidade surda, especialmente ao considerar a proposição de Sutton-Spence (2021) quando afirma que:

Em toda boa literatura surda, o contador celebrará o patrimônio surdo, seja por conteúdo da história relativa aos surdos, seja pela forma da Libras que celebra a língua de sinais como a parte mais valorizada da herança surda. O narrador deve ser entusiasta ao contar a história, reunindo o público para celebrar as coisas boas da vida dos surdos através da literatura em Libras. (SUTTON-SPENCE, 2021, p. 70)

Diante desta afirmativa, observa-se que fazer uso da língua de sinais é uma forma de celebrar o patrimônio surdo, sendo ela o elemento mais valorizado como herança surda. É evidente que na atividade de contação de história a libras será a mais explorada, considerando que ao utilizá-la é possível dar vida as histórias seja por meio dos sinais ou até mesmo pela da incorporação do personagem através das expressões não manuais.

Stephen Ryan (1993 apud SUTTON- SPENCE, 2021), contador de histórias e pesquisador americano surdo, apresenta em sua obra alguns estratégias relacionados ao processo de contação de histórias, com o objetivo de criar narrativa fortemente visuais em ASL (Língua de Sinais Americana). A proposta de Ryan, embora seja voltada para o público infantil, entende-se que também pode ser aplicada a qualquer faixa-etária. A proposta é utilizada na história contada de forma visual, e apresenta como resultado a forma que se dar a recepção do texto, que é explícito através do contador da história. Observa-se que é imprescindível que esta contação seja organizada de forma clara, a fim de possibilitar ao leitor o interesse e a compreensão da história de maneira satisfatória. Como estratégias são apresentadas seis técnicas de narrativas visuais, a saber, criação de personagens com descrição de sua forma e seu comportamento; utilização mínima de soletração manual; fazer uso do crescimento, dramatização ou exagero dos personagens; completo uso do corpo, inclusive as mãos; fazer uso do espaço de forma clara, mostrando o ambiente do mundo das personagens e por fim utiliza-se de muita repetição, cada uma destas apresentam especificidades que contribuem para o resultado significativo do processo de contação de história.

3. PERCURSO METODOLÓGICO

Do ponto de vista metodológico, este estudo trata-se de uma pesquisa com enfoque numa abordagem de natureza qualitativa, por voltar-se para um objeto de estudo que se considera dinâmico e complexo, a formação leitora do aluno surdo, em que se busca estabelecer relação com a contribuição da estética literária, neste processo. Entendendo que a pesquisa

qualitativa se utiliza dos dados buscando seu significado, considerando o fenômeno estudado dentro de seu contexto. Ainda nesta perspectiva trata-se de uma pesquisa qualitativa com tipologia explicativa quanto ao objetivo considerando que

“a pesquisa explicativa tem como objetivo básico a identificação dos fatores que determinam ou que contribuem para a ocorrência de um fenômeno. É o tipo de pesquisa que mais aprofunda o conhecimento da realidade, pois tenta explicar a razão e as relações de causa e efeito dos fenômenos.” (OLIVEIRA, 2011, p.22)

Quanto a técnica de análise de dados trata-se de uma pesquisa bibliográfica, tendo em vista que a origem dos dados utilizados é de natureza secundária, pois foram coletados em produções de diferentes autores e períodos, em que se buscou estudos relacionados à temática abordada.

A partir desta perspectiva para obter os resultados e respostas acerca da problematização apresentada neste trabalho foi realizada a análise da obra *A Lagarta e a Borboleta* da autora Eunice Braido. Ilustração de José Carlos Marlinez (2001) com autoria do pesquisador, Ayrton Felipe dos Santos Maracajá, na tradução em Libras. Através do uso da estratégia da contação de história com base na leitura e gravação em vídeo, traduzida em língua de sinais, relacionando as estratégia de tradução aplicadas com a teoria que aborda o uso e contribuições da Estética no processo de contação de histórias. Ressalta-se que não foi seguida a tradução literal da língua portuguesa, mas de forma adaptada que possibilitasse o entendimento claro fazendo uso da estética literária, objetivando apresentar todo o conteúdo expresso no livro.

A versão sinalizada da obra foi disponibilizada no canal do YouTube para livre acesso do público em geral. Para tanto a produção do vídeo foi realizada e supervisionada através da consultoria de Flávio Porto, Shirley Porto, Morgana Katarine com o apoio de edição de Pedro Queiroz, tendo duração de 00:04:52 minutos. A obra ainda se encontra disponível no QR Code, apresentada na Figura 1.

FIGURA 1: Apresentação da obra para análise





<https://www.youtube.com/watch?v=lk-jV5jkkEU>

Fonte: Marlinez (2001) e Própria (2021)

Na análise da obra para tradução em língua de sinais foram considerados os elementos da estética, dando ênfase na escolha da simetria, da incorporação, neologismo e repetições, assim as cenas selecionadas para a análise foram postas em QR Code para que o leitor possa ter acesso ao conteúdo analisado.

4. OS PROCEDIMENTOS TECNICOS NAS NARRATIVAS VISUAIS PELA PROPOSTA DE STEPHEN RYAN (1993)

Considerando a relevância da contribuição da estética e também das técnicas que poderão ser aplicadas no processo de contação de história, apresenta-se a proposta da aplicação destas na narrativa em libras da história que tem por título “ A Lagarta e a Borboleta” da autora Eunice Braido e Ilustração de Jose Carlos Marlinez, com autoria própria na tradução em Libras. Assim, se expõe as seis técnicas de narrativas propostas por Stephen Ryan (1993, apud SUTTON-SPENCE, 2021), aplicadas na análises da referida obra.

4.1 Criação de personagens descrevendo sua forma e comportamento

É importante que, no momento da performance com narração em Libras, o narrador apresente a descrição da aparência física dos personagens, para que o espectador tenha a possibilidade de fixar sua atenção no estímulo visual e, assim ocorra a compreensão do texto. Esta atitude do narrador pode ser considerada uma arte em si, uma vez que “cria uma imagem agradável e clara dos personagens, de modo que quando o narrador os incorpora ao longo da história o público vai tendo uma ideia mais concreta sobre o caráter deles” (SUTTON-SPENCE, 2021, p. 95).

Nas figuras 2 e 3 é possível observar a descrição física dos personagens, lagarta e borboleta, como também o comportamento no ato de andar e voar, respectivamente.

FIGURA 2: Andar da Lagarta.

NARRATIVA	
	
<p>Código QR:</p> 	

Fonte: Própria (2021)

FIGURA 3: Voar de borboleta.

NARRATIVA	
	
<p>Código QR:</p> 	

Fonte: Própria (2021)

É relevante observar que um indivíduo faz uso da imitação estética utilizando-se da expressão corporal para reproduzir por meio do antropomorfismo a imagem dos animais, objetos e plantas, buscando despertar no leitor o prazer pela temática explícita na história

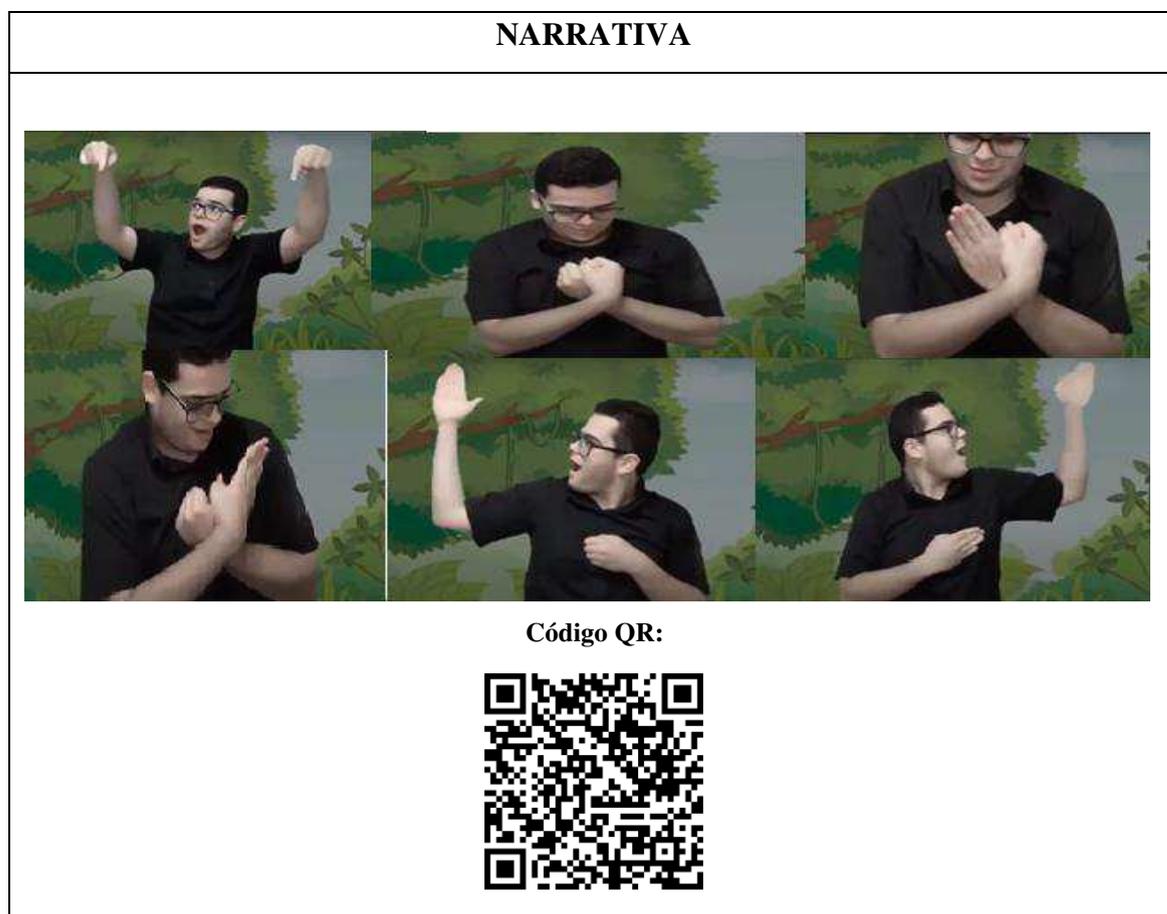
literária, aguçando a sua curiosidade. Fazer uso da estética na Libras dá ao sujeito surdo a habilidade de se expressar por meio dos sinais de forma coerente e autônoma e ainda proporciona a compreensão de acordo com atenção dada, atribuindo significados a sinalização que fora apresentada, oferecendo a possibilidade de o aluno e/ou expectador considerar seus conhecimentos prévios.

Neste contexto, considera-se importante apresentar a colocação de Sutton-Spence (2021) quanto ao recurso literário do antropomorfismo.

A imitação estética de seres humanos estende-se à imitação de não humanos, sejam eles animais, plantas ou objetos inanimados. Esta utiliza o importante recurso literário do antropomorfismo, no qual o sinalizante retrata o personagem não humano como se este fosse humano. (SUTTON-SPENCE 2021, p.60)

Diante do exposto constata-se que o uso da imitação estética é uma estratégia utilizada durante a contação da história, explicitada na narrativa da obra “a Lagarta e a Borboleta”, a fim de que o personagem seja apresentado de forma detalhada, proporcionando ao leitor o entendimento dos acontecimento de cada etapa descrito na história, e ainda, identificar as fases do processo de formação da borboleta, a saber, a metamorfose, explícita na figura 4.

FIGURA 4: Metamorfose da borboleta.



Fonte: Própria (2021)

4.2. Não utilizar muita soletração manual

Quanto a técnica de narrativa relacionada ao uso da soletração manual apresentada por Ryan (1993) observa-se que Sutton-Spence (2021) aponta-a explicitando que:

“as narrativas de Libras são especialmente valorizadas pela criação de imagens altamente visuais que usam recursos como classificadores e incorporação. A sequência das letras soletradas não cria uma imagem do referente e essa é uma razão para não se ter tantas soletrações”. (RYAN, 1993, apud SUTTON-SPENCE, 2021, p. 96).

Desta forma, percebe-se que no decorrer no processo de contação de histórias em Libras, o uso da soletração manual é quase que dispensável, uma vez que este recurso não proporciona ao leitor/expectador a percepção da imagem do referente. Entende-se que quando o contador opta pelo uso de diferentes estratégias, a exemplo da utilização de classificadores e incorporação, é possível identificar de forma clara e imagética os locais, o caminho onde acontece cada cena, a movimentação dos personagens, considerando que os recursos visuais tomam destaque, sendo assim desnecessário a soletração no ato de narrar, compreende-se que com o recurso de aplicação de estratégias variadas é possível transmitir nas expressões o prazer, a emoção de forma a envolver o leitor/expectador com a história motivando-o a conhecer com profundidade seu conteúdo.

Na obra em análise é possível constatar que o uso soletração manual não foi aplicado, pois já durante a produção foi visto como um elemento desnecessário para incluir durante a contação, uma vez que a incorporação e a utilização de classificadores foram suficientes para uma perfeita compreensão da narrativa. Desta feita, torn-se evidente o uso da técnica de narrativa apontada por Ryan (1993, apud SUTTON-SPENCE, 2021).

4.3. Pode-se aumentar, dramatizar ou exagerar os personagens

Ainda, de acordo com Ryan (1993 apud SUTTON-SPENCE, 2021), é importante no desenvolver das narrativas a aplicação de uma intensidade nesta atividade, utilizando a dramatização e/ou a expressão exagerada para descrever as ações dos personagens. Entretanto, Rachel Sutton-Spence (2021) diz que, “em alguns contextos, não é adequado aumentar ou exagerar os personagens e uma boa contadora (ou um bom contador) de histórias sabe quando fazer, ou não, isso. As crianças gostam do exagero e as histórias infantis muitas vezes geram sinais aumentados”. (SUTTON-SPENCE, 2021, p. 97).

Embora, observe-se uma relativa divergência entre os posicionamentos dos autores no

que se referem a citada técnica da narrativa, na obra em análise é possível identificar com clareza o uso expressões exageradas, especificamente nos exemplos de alguns expressões observadas na figura 5.

FIGURA 5: Lagarta chorando, lagarta gorda e borboleta feliz.



Fonte: Própria (2021)

Ao observar a figura é possível identificar a técnica de intensificação em diferentes períodos da narrativa, explicitando claramente momentos de alegria e entusiasmo, como também outros de tristeza e melancolia vividos pelo personagem. O uso desta técnica propicia a compreensão dos sentimentos, mostrando que estes oscilam no decorrer da narrativa. Desta forma, entende-se que esta estratégia foi utilizada de forma adequada para melhor compreensão por parte público leitor.

4.4. Usar o corpo tanto quanto as mãos

Diante do entendimento a respeito da técnica de narrativa relacionada ao uso do corpo e/ou parte dele, a exemplo das mãos, constata-se que este é essencial na prática da narrativa, uma vez que proporciona maior ênfase as imagens visuais. Desta maneira, pode-se visualizar com mais evidência a incorporação dos personagens, tornando mais compreensíveis as informações explícitas nos sinais manuais. Neste sentido, a expressão corporal juntamente com as expressões não manuais favorecem o envolvimento emocional com texto. Sutton-Spence (2021) acrescenta que

Além disso, os olhos criam um efeito de espaço e dão coerência à história através da direção do olhar (veja mais sobre isso na seção seguinte). A abertura dos olhos mostra as emoções por incorporação dos personagens e o narrador pode usar essa parte do corpo para sugerir as emoções que ele quer gerar no público. (SUTTON-SPENCE 2021, p. 98)

Atentando-se para o que diz a autora já mencionada, compreende-se que nas expressões não manuais são muito importantes para dá coerência a o texto. Assim, observa-se no texto em análise que a técnica do uso do corpo ou parte dele é aplicada satisfatoriamente, a exemplo do momento em que os personagens, a lagarta e a borboleta, no mesmo ambiente, ao ver sua imagem refletida na água, o leitor/expectador percebe a aproximação o olhar e o distanciamento. Ainda é possível identificar também nesta narrativa o uso do corpo, em que o tronco e os ombros se movimentam para frente e para trás. Um outro momento descrito na narrativa, fazendo-se uso da referida técnica, é a percepção da árvore e da folha para se alimentar, ato realizado pela personagem utilizando o olhar direcionado, como também o tronco, os ombros, a cabeça e a boca no momento em que a lagarta se alimenta, conforme representado nas figuras 6 e 7.

FIGURA 6: A Personagem, Lagarta, ver imagem refletida na água



Fonte: Própria (2021)

FIGURA 7: A Personagem, Lagarta, percebe a folha da árvore

NARRATIVA



Código QR:



Fonte: Própria (2021)

Ryan (1993, apud SUTTON-SPENCE, 2021) aponta que no uso do corpo no desenvolvimento de uma narrativa pode-se incluir o tronco e os ombros. Quanto mais a narrativa se aproxima das técnicas teatrais, mais é possível verificar o uso do peito, dos ombros, do tronco e até das pernas e pés. Levando-se em consideração a teoria apresentada pelo autor, acredita-se que fazer uso destes recursos é imprescindível para melhor qualidade do texto, oferecendo prazer, além de melhor percepção dos ambientes e dos personagens.

4.5. Uso o espaço de forma clara, mostrando o mundo das personagens

Acredita-se que nas narrativas em Libras se faz necessário uma disposição espacial, visto que é essencial no momento da contação que o narrador possa usar o espaço de forma eficiente, possibilitando a representação da disposição dos objetos de forma real. As narrativas em língua de sinais são visuais e ter essa estratégia de organização do espaço mental e do corpo, através da incorporação do sinalizador, durante o desenvolvimento da performance, na sua habilidade de sinalização de forma espontânea, possibilita ao público uma melhor compreensão da história de forma contextualizada com o espaço visual. Em relação aos espaços mentais produzidos pelo narrador, Moreira (2007) afirma que:

“Os espaços mentais integrados que compõem uma narrativa são sempre, na língua de sinais, sobrepostos físicos formando um único e grande espaço que

não é mais o da realidade, do sinalizador, mas o das personagens de uma história. Por serem línguas produzidas no espaço, com as mãos, com o corpo, com as expressões faciais do sinalizadores.”(MOREIRA 2007, p. 49)

Diante do exposto, compreende-se a relevância da técnica de narrativa referente ao uso do espaço utilizado pelo narrador. A organização dos espaços precisa estar descrita desde o início da narrativa contextualizando ao público o ambiente, como está disposto o local em que estão inseridos os personagens, trazendo assim informações essenciais, junto aos sinais e a incorporação. Pode-se identificar na obra em análise o uso desta técnica. Ver afirmativa nas figuras 8, 9 e 10.

FIGURA 8: Descrição do ambiente, árvores, borboleta no momento da ovoposição.



Fonte: Própria (2021)

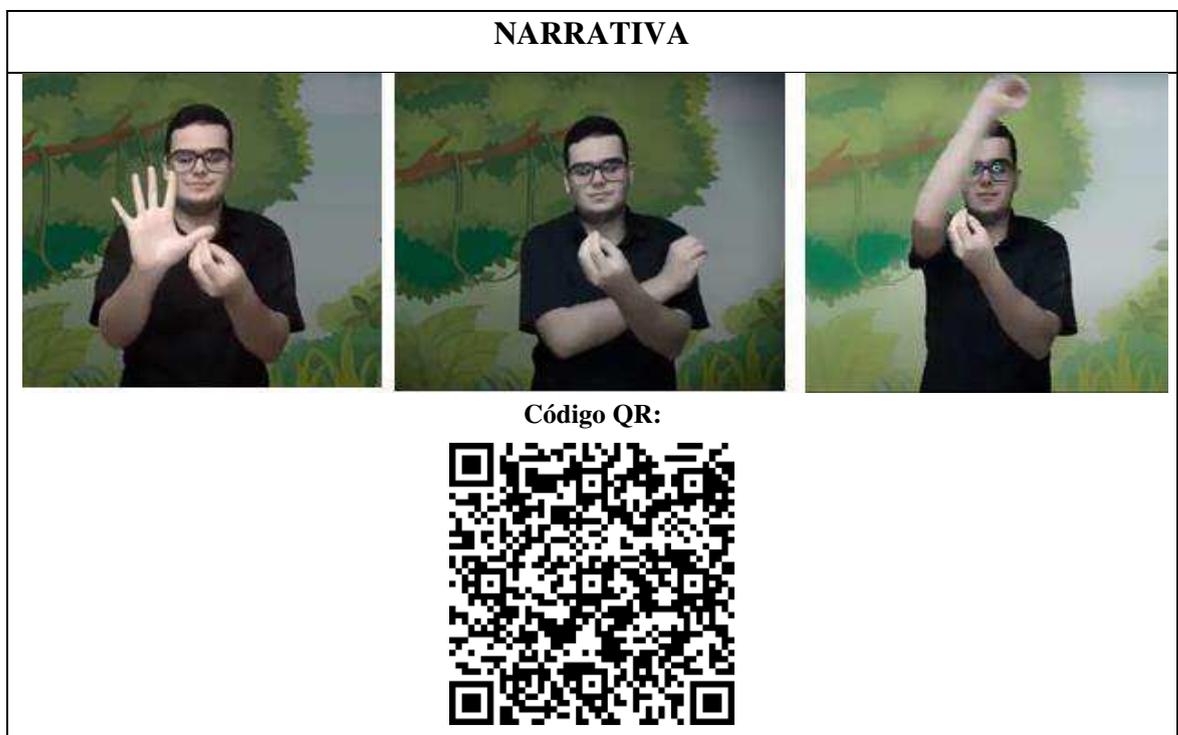
FIGURA 9: Descrição da metamorfose da borboleta dentro do ovo.





Fonte: o autor (2021)

FIGURA 10: Descrição da árvore com a pupa e dos dias que se passam para completar o processo de metamorfose.



Fonte: Própria (2021)

Ao analisar as figuras é possível identificar a representação do espaço em que acontece a sinalização de forma nítida e natural, apresentando a relevância da identificação de todo o ambiente para que a história seja compreendida de forma satisfatória.

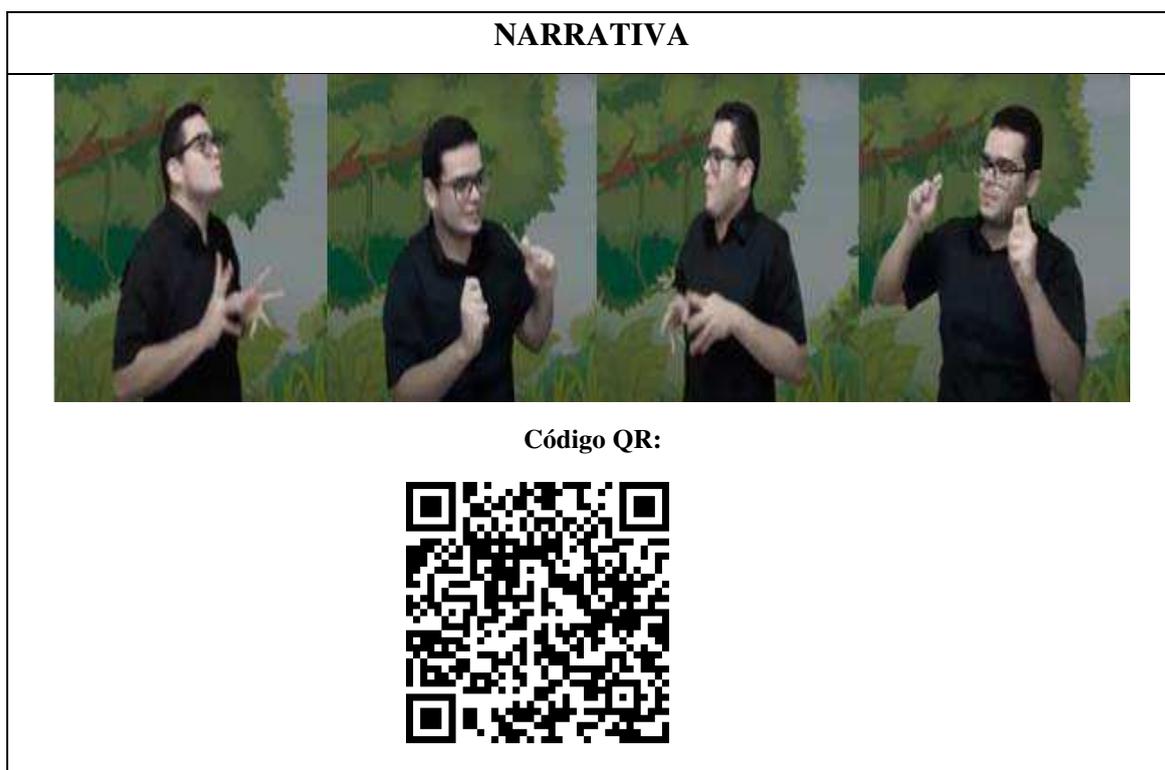
4.6. Uso exagerado de repetição

O uso da repetição dentro da narrativa é imprescindível, no texto em análise pode-se observar que através do mesmo sinal é representada a transformação da lagarta ao longo dos dias e ainda detalha a forma de locomoção dos personagens, por meio da repetição juntamente com o ritmo.

Neste contexto a autora Sutton-Spence (2021, p. 100) mostra que “a repetição acumula ritmos à medida que padrões de sinais. Isso pode aumentar a emoção e tornar a experiência de visualização mais agradável. Também pode ajudar os espectadores a entenderem melhor a história”.

Diante disso pode-se observar a aplicabilidade da mencionada técnica na Figura 11, retirada na narrativa analisada.

FIGURA 11: Repetir andar da lagarta subindo a árvore e ao comer as folhas



Fonte: Própria (2021)

É importante ressaltar que o uso da repetição nas narrativas em Libras há sempre a possibilidade de se observar diferentes significados para o mesmo sinal, ou seja, há sempre algo a ser transmitido, uma evolução, troca de local etc. A repetição com ritmo, é um elemento que se faz necessário para que seja descrito momentos da histórias de forma detalhada, tornando-a possível de ser compreendida ao longo do período que ocorre a narração, despertando do leitor o prazer e emoção deleitando-se nesses traços que se repetem.

Por fim, é inegável a contribuição e importância dos seis elementos estéticos da literatura que foram descritos por Ryan (199, apud SUTTON-SPENCE, 2021) fato observado quando aplicados na análise da obra “A Lagarta e a borboleta”, pois estas estratégias são

essenciais para a satisfação do leitor, e uma ferramenta de considerável relevância ser utilizado por professores na formação de leitores proficientes.

5. USO DA ESTÉTICA: UMA PROPOSTA PARA O FORMAÇÃO DO LEITOR ATRAVÉS DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIA

Entende-se que no processo de formação do leitor se faz necessário que o professor apresente e utilize em sala de aula conteúdos que despertem o interesse do aluno, fazendo uso de materiais que explorem os recursos oferecidos pela estética, buscando despertar o prazer na leitura de forma que não só esse conteúdo, mas também a estratégia do uso da estética torne-se referência para que outros indivíduos possam fazer uso destes elementos e/ou recursos.

Neste contexto, considera-se que o ensino da literatura surda através da libras apresenta significativa relevância no desenvolver deste processo, uma vez que possibilita a troca de informações e experiência, proporcionando interação entre o conteúdo expresso na obra literária e o aluno. Ressaltando que a língua de sinais é inerente ao indivíduo surdo, compreende-se a importância da atuação do contador de história em transmitir o conteúdo de uma obra, seja esta apresentada presencialmente ou através das libras videossinalizada.

Ao apontar para início da formação leitora do aluno, assim sendo iniciada ainda no ensino infantil é importante se atentar que o público alvo não conseguem compreender o que está exposto de forma escrita da língua portuguesa, no entanto quando é dada a possibilidade deste associar sua primeira língua, a libras, juntamente com a apresentação de imagens, este aluno tem uma melhor compreensão sobre o conteúdo da história. Neste sentido dar-se evidência a função do contador de história, especialmente que este faz uso da estética, pois há recursos de expressão facial, corporal, e classificadores que possibilitará o entendimento de forma mais clara, comprovando-se assim importância da estética estar inserida no processo de formação do leitor. Nesta conjuntura, Bassos (2009) diz que

Ao utilizar as histórias em sinais existentes no mercado, sejam livros em escrita de sinais, vídeos ou CD-Rom, enfatizar os aspectos visuais dos textos, a construção do enredo, os elementos constitutivos. [...] incentiva o aluno a observar vários pontos de vista sobre um mesmo tema ou assunto. Também estimular os alunos a observarem as diferentes construções textuais – os elementos considerados importantes, as escolhas lingüísticas, as marcações espaciais de tempo verbal, classificadores, expressões não manuais e escolha do léxico. (BASSO, Idavania; STROBEL, Karin; MASUTTI, Mara, 2009, p.29)

Não diferente ao sugerir uma aplicabilidade de uma prática pedagógica voltada ao ensino fundamental, onde a criança está em uma faixa-etária maior, é importante observar que ao realizar a leitura os alunos surdos se atentam aos recursos visuais presentes no texto escrito, desta forma o conteúdo que está exposto de imagens prevalece com maior relevância, pois é através do recurso imagético que os surdos melhor compreendem de forma clara as informações e sentimentos relacionando-os com o que está escrito. Neste processo a sua imaginação trabalhar como um filme que projetado em sua mente, o que é fato natural para este indivíduo que possuem habilidades natas, por terem uma língua maternal de modalidade gestual-visual. Ao apontar um paralelo entre a língua sinalizada e escrita ver-se que

O trabalho com a leitura de sinais envolve habilidades visuais específicas que são diferentes para a língua sinalizada e para a escrita de sinais. “Ler” sinais que um sinalizador produz durante uma conversa, uma palestra ou uma consulta médica, por exemplo, requer um nível de atenção maior do que a atenção necessária para “ler” uma informação escrita. BASSO, Idavania; STROBEL, Karin; MASUTTI, Mara, 2009,p.30)

Voltando-se diretamente para prática do ensino da leitura, pode-se sugerir que, inicialmente, o professor disponibilize o conteúdo em texto na forma escrita com ilustrações, dando sequência com a apresentação sinalizada, realizando as adaptações necessárias em língua de sinais, podendo ainda explorar a atividade de releitura como forma complementar, despertando no aluno o interesse em ser um contador de história, proporcionando a ele a oportunidade de apresentar o conteúdo em libras através da produção de vídeo a Libras, considerando a possibilidade deste material ser utilizado por outros alunos no futuro, especialmente quando se compreende que em tempos passados a comunidade surda passava seus conhecimentos, culturas, literaturas através da contação de histórias, mesmo não tendo os recursos tecnológicos que possibilitassem registrar as contações. Desta forma, compreende-se que quando o conteúdo está acessível a sua língua o surdo interage de forma prazerosa a atividade leitura junto ao contador, papel desenvolvido pelo próprio professor, que pode e deve fazer uso da estética e das novas tecnologias disponíveis na atualidade, recursos estes que facilitam a prática pedagógica , além de oferecer a oportunidades as futuras gerações a terem acesso de forma duradoura e de fácil compreensão a conteúdos históricos, culturais e sociais de sua comunidade, que contribuem significativamente não só no contexto de ensino e aprendizagem do processo de formação do leitor, mas também na sua construção enquanto sujeito pertencente, ativo e participativo de uma sociedade.

Contar histórias para as crianças, criadas pelo próprio professor ou trazidas por ele para a sala de aula. Pode-se criar histórias sobre fatos vividos, experiências, histórias

engraçadas, histórias de suspense e de terror, que estimulam a imaginação dos alunos e auxiliam a desenvolver o hábito de prestar atenção, fazer inferências, antecipar situações e levantar hipóteses sobre o enredo, deduzir e tirar conclusões. (BASSO, Idavania; STROBEL, Karin; MASUTTI, Mara, 2009,p.29)

Observando o apontamento de Basso (2009), percebe-se que é possível ao professor ter a liberdade de explorar todos os recursos que a estética oferece, especialmente, quando é dado a este a possibilidade de criar suas próprias histórias, atividade esta que poderá ser realizada juntamente com os alunos considerando seus conhecimentos prévios e sua imaginação.

Considerando que o indivíduo surdo está inserido numa sociedade ouvinte é relevante apontar que o professor deverá levar em consideração uma prática que envolva uma proposta de ensino de forma bilíngue para agregar o conhecimento ao público surdo de forma simultânea. Entende-se que isto pode ser realizado nas atividades objetivando que o aluno conheça através da história as palavras que podem estar presentes no texto. Assim, considera-se inegável a importância do uso dos recursos estéticos, além das novas tecnologias e o resgate do contados de história no processo de formação do leitor surdo de maneira a ressignificar a prática de ensino, especialmente, da literatura surda.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao realizar esta pesquisa foi possível compreender a relevância do uso da Estética na Literatura surda, considerando-a essencial no processo de contação de histórias, em que a aplicação das seis propostas de recursos utilizados no desenvolvimento da narrativa apresentados por Ryan (1993, apud SUTTON-SPENCE, 2021), possibilita ao indivíduo surdo um amplo alcance no entendimento do conteúdo apresentado no texto sinalizado, dando a este além do prazer e emoção, o entendimento estético em Libras.

Assim, apresentou-se neste trabalho a possibilidade da aplicação de uma proposta para o processo de formação leitora do aluno surdo, através da contação de história fazendo uso dos elementos estéticos, proposição esta demonstra por meio do registro em vídeo em libras, compreendendo que o uso dos recursos tecnológicos são favoráveis e muito podem agregar para que não se percam as produções da literatura surda, e assim a estética possa ser mais explorada e investigada por meio dos estudos.

Diante das teoria estudadas verificou-se que no processo de formação do leitor surdo, antes de se trabalhar com a estratégia na prática de contação de história ou apresentar o texto literário ao aluno, se faz necessário, primeiramente, proporcionar a este o contato e aprendizagem da língua de sinais, e assim, o ensino da Literatura pode ser desenvolvido

utilizando-se da estratégia da incorporação, de diversos recursos visuais e estéticos para que a criança visualize, perceba o conteúdo e tenha a compressão do que está sendo apresentado. Ressaltando que a receptividade da estratégia de contação seja relacionada com o texto literário em Libras, é significativamente facilitada quando o conteúdo está acessível na língua de modalidade espaço visual, compreendendo que o aluno surdo interage de forma espontânea quando faz uso da sua própria língua, assegurando a compreensão e a recepção de forma mais prazerosa junto ao contador. É importante que o professor apresente as diferentes estratégias de como realizar as narrativas de forma visual para que as crianças identifiquem a utilização dos inúmeros recursos que estão inseridos na sua língua materna.

Neste contexto, acredita-se que a análise discutida nesta pesquisa, em que se relacionou os elementos da estética com o processo de contação de história em muito contribui para formação leitora do aluno surdo e ainda que os recursos apontados podem ser utilizados para despertar a atenção dos leitor/espectador, e assim proporcionar a estes uma percepção de forma satisfatória despertando o prazer, a emoção e ainda possibilitando a interação, partindo do entendimento de que na prática da contação de história é possível apresentar uma reeleitura da obra, a exemplo do que foi demonstrado ao realizar o processo de tradução do texto original da obra analisada para a Libras.

Diante disto, deseja-se que este estudo desperte uma reflexão sobre as práticas pedagógicas, especificamente quanto a formação leitora do aluno surdo e o ensino da literatura, em que seja reconhecida a contribuição dos elementos estéticos no desenvolver deste processo. É relevante apontar que este deverá ocorrer de forma prazerosa e significativa, pois acredita-se que desta maneira será possível observar um grande avanço na formação do sujeito surdo.

Ao concluir esta pesquisa se tem o entendimento de que o ensino da literatura surda no processo de formação do leitor, fazendo-se uso estética da Libras proporciona ao leitor surdo, seja criança ou adolescente, a se desafiar a compreender a vida em sociedade, tendo experiência com o conhecimento de mundo e o faz transcender e conseqüentemente apresentar um significativo crescimento enquanto sujeito e ativo e participativo no meio social e na educação dos Surdos.

REFERÊNCIA

ALENCAR, Joyce Gomes de. **Construindo processo de literatura surda na escola: reflexões, ações e propostas**. 2019.155f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade

de Letras, Programa de Pós Graduação em Letras e linguística, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2019.

BARTHES, Roland. **A Aventura Semiológica**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

BASSO, I. M. D. S.; MASUTTI, M; STROBEL, K. L. Metodologia de Ensino de Libras – L1. Florianópolis: Centro de Comunicação e Expressão, 2009.

BUSATTO, Cléo. **A arte de contar histórias no século XXI: tradição e ciberespaço**. 4. Ed.- Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

COLOMER, Teresa, **A formação do leitor literário: narrativa infantil e juvenil atual**. São Paulo: Global, 2003.

JOUBE, Vincent. **Por que estudar literatura?** Tradução de Marcos Bagno e Marcionílio. São Paulo: Parábola, 2012.

KARNOPP, L. B. **Sinais e olhares: Produções culturais em comunidades de surdos**. In: MENDES, E.G.; ALMEIDA, M.A. (org.). Das Margens ao Centro: perspectivas para políticas e práticas educacionais no contexto da educação especial inclusiva. Araraquara, São Paulo: Junqueira & Marin, 2010.p.291-299.

MORAIS, Carla Damasceno de. **Um olhar sobre nós surdos: leituras contemporâneas**. In: Marianne Rossi Stumpf, Gladis Perlin. (Org.). Olhar sobre nós surdos: leituras contemporâneas. 01ed. Curitiba: CRV, 2012. 281p.

MORGAGO, Marta. **Literatura das línguas gestuais**. Lisboa: Universidade Católica Editora, 2011. p. 13-29.

NEITZEL, Adair Aguiar; PAREJA, Cleide Jussara Muller; SANTOS, Amanda Demétrio dos. **A formação inicial do(a) futuro(a) professor(a) de Letras: a mediação de leitura em foco**. Rev. Bras. Estud. Pedagog., Brasília, v. 103, n. 263, p. 160-180, Abril 2022. Disponível em:http://old.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2176-66812022000100160&lng=en&nrm=iso. Acesso em 10 de setembro de 2022.

OLIVEIRA, Maxwell Ferreira de. **Metodologia científica: um manual para a realização de pesquisas em Administração**. Catalão: UFG, 2011.

SUTTON-SPENCE, Rachel. **Literatura em libras**. Tradução de Gustavo Gusmão. [livro eletrônico] - 1. ed. Petrópolis, RJ: Editora Arara Azul, 2021.